

## ARTIGOS

# Pandemia, redes sociais e experiência religiosa na Bahia

Cleidiana Ramos

Jornalista e doutora em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil. Atualmente, é professora visitante na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV, em Conceição do Coité, BA, Brasil.

Email: [cleidiana@uol.com.br](mailto:cleidiana@uol.com.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1897-9662>

Fátima Tavares

Professora titular do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

Email: [fattavares@ufba.br](mailto:fattavares@ufba.br)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6668-4300>

## Resumo

O artigo aborda o incremento do uso de tecnologias da comunicação e informação por grupos religiosos durante o início da pandemia de coronavírus em 2020 na Bahia. O argumento central é que as experiências religiosas mediadas pelas mídias digitais expandiram a percepção da autenticidade da experiência religiosa iniciada na pandemia, com desdobramentos para além dela.

Palavras-Chave: Religião. Pandemia. Tecnologias da Informação.

Desde a pandemia da covid-19 as tecnologias de comunicação e informação, especialmente as redes sociais, têm intensificado as mediações para conectar pessoas e atender novas demandas de encontros remotos. Plataformas já conhecidas como *WhatsApp* e *Instagram* ganharam novas funções, como as chamadas em grupo e transmissão ao vivo, respectivamente. Aplicativos para videoconferências como *Meet*, *Team* e *Zoom* ultrapassaram as barreiras de uso profissional para viabilizar aulas, encontros familiares, de lazer e práticas de religiosidades.

A partir de 2020, diante da necessidade de isolamento físico devido à falta de perspectiva de uma vacina ou tratamento rápido, instituições religiosas tiveram que adaptar seus rituais e celebrações às mediações oferecidas por tecnologias da comunicação social, especialmente as mais novas como as redes sociais: *Instagram*, *Facebook* e *Youtube*. Essas mediações transformaram o isolamento social (como foi tecnicamente designado), intensificando, sob novas bases, as interações sociais.

O uso dos meios de comunicação de massa e das novas redes sociais não é uma novidade para instituições religiosas, especialmente as cristãs - católicos e evangélicos e, com mais força, os neopentecostais (Aguiar, 2019). Estes últimos têm como uma de suas estratégias-chave os cultos televisionados e a propriedade de emissoras, como ocorre com a Igreja Universidade do Reino de Deus (IURD), proprietária da Rede Record, uma cadeia de meios de comunicação espalhados pelo país<sup>1</sup>. A novidade é que as potencialidades das tecnologias de

---

<sup>1</sup> A Rede Vida, TV Aparecida e Canção Nova são emissoras católicas. A transmissão de missas e cultos é uma questão controversa devido à interpretação de alguns especialistas em direito de que essa ação fere a Constituição Federal. Como o estado brasileiro é laico e as concessões para rádio e TV são públicas, haveria, com a transmissão dos rituais, propaganda religiosa, ferindo o princípio de equidade. Em 2007, o médium espírita José Medrado, com atuação em Salvador, fez uma representação na Promotoria de Justiça de Combate ao Racismo e Intolerância Religiosa do Ministério Público da Bahia, *Antropologia Sem Fronteiras*, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

comunicação, que até então estavam restritas a ambientes de produção de conteúdo como o jornalismo, o cinema e a TV, têm alcançado, novos produtores, ampliando sua participação entre segmentos da população. Destas destacam-se, especialmente, a ubiquidade, hipertextualidade, interatividade e memória<sup>2</sup>. Se no processo de disseminação da comunicação as mídias sociais vinham ganhando espaço, a emergência da pandemia propiciou uma intensificação e rotinização dessas “novas” mediações, com amplas consequências para as novas sensibilidades que fundamentam as experiências religiosas “autênticas”. Neste artigo vamos tratar das implicações dessa questão.

---

questionando a transmissão da Missa de Aparecida pela TVE. A emissora retirou a transmissão, mantendo a celebrada na Basílica do Bonfim sob a alegação de que essa dialoga não apenas com o catolicismo, mas também com o candomblé e a umbanda por conta da associação da divindade católica com as de outras práticas religiosas como Oxalá e Lemba. Em 2010, a primeira autora deste artigo atuou como consultora para formulação de um programa na TVE-BA que contemplasse os mais variados credos e seguissem as regras recomendadas por especialistas em direito, como evitar transmissão de rituais. O programa tinha um elenco fixo formado pela lalorixá Mãe Cecília Soares; o integrante da Federação Espírita da Bahia (FEEB), André Peixinho; o Pastor da Igreja Batista Antioquia, Djalma Torres e o padre católico Manoel Filho. A cada episódio dedicado a um tema eles recebiam lideranças de outras religiões. Cf. sobre o assunto: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1267396-mp-quer-igualdade-de-credos-na-tv-educativa>. Acesso em: 25/6/2020. O programa teve duas temporadas e chegou a ser exibido pela TV Brasil. Cf. <https://tvbrasil.ebc.com.br/liberdadereligiosa>. Acesso em: 25/6/2020.

<sup>2</sup> Ubiquidade é uma das potencialidades das novas mídias digitais, ao oferecer uma transmissão de um evento sem barreiras espaciais, via Web e de forma simultânea. Aquela pode, inclusive, ocorrer em desdobramentos do mesmo espaço físico, como, por exemplo, uma missa acontecendo na igreja e transmitida para outro público por meio de um telão na praça e nos meios “antigos”, como rádio e TV. Hipertextualidade é a combinação de variadas linguagens nessas transmissões via Web, especialmente nas redes sociais: texto, *emoticons*, símbolos que traduzem os sentimentos dos usuários das redes sociais; imagens, sons e outras possibilidades que vão surgindo como os memes e quiz. Interatividade é a possibilidade de o público reagir aos conteúdos que acompanha por meio de mensagens gráficas ou de texto. Memória é uma potencialidade estratégica, pois estas redes permitem a compilação de tudo que nelas circulam. Com a expansão dos eventos ao vivo nessas plataformas, elas passaram a oferecer ainda mais alternativas. O Instagram, que opera com limite de tempo para as lives, oferece o recurso da IG TV que deixa o evento gravado para que se possa assisti-lo quando for necessário ou para quem não viu. Adiante, abordaremos essas potencialidades na relação com casos empíricos. Para conferir detalhadamente cada um desses conceitos adaptados aos novos desafios de produção de conteúdo no campo do jornalismo, ver Canavilhas (2014).

Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

## Mídias, mediação e religião

Como apontado por Stolow (2014), desde a virada do século a interface entre religião e mídia experimenta um crescimento das pesquisas interdisciplinares, na esteira do reposicionamento do lugar da religião no mundo contemporâneo não mais em termos de retração ou crise, mas de sua crescente visibilização - transformações nas quais as “mídias” também estão implicadas.

Mas, como Stolow adverte no mesmo artigo, não se trata apenas de conferir preeminência às mídias na experiência religiosa contemporânea, e sim do reposicionamento teórico-metodológico dos termos da relação, já que centralidade das mídias não significa marcar uma descontinuidade com o passado. Assim, religião e mídia não são tidas como domínios distintos da vida social, como se a experiência espiritual “verdadeira” fosse avessa às tecnologias, que seriam apanágio do mundo secular. Para Meyer (2015, 2019), as mídias são intrínsecas às religiões, redefinindo essas relações supostamente contaminadas: “Ao invés de interpretar o uso - por vezes espetacular - de novas mídias por grupos religiosos como uma enorme ruptura, formula-se perguntas sobre como uma nova mídia interage com mídias anteriores.” (Meyer, 2019, p. 43).

Para compreender a mídia como uma dimensão intrínseca à religião é preciso promover um alargamento da noção de mídia enquanto mediação, problematizando sua equivalência exclusivamente às tecnologias modernas por contraste às formas tradicionais de construção do pertencimento religioso. A abordagem proposta por Meyer apresenta como desdobramentos importantes a ênfase na materialidade dos mediadores (quaisquer que sejam esses, “tecnológicos” ou não) como condição possível para “fazer acontecer” as experiências religiosas; bem como a problematização da primazia do Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024  
<https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

conteúdo em relação às formas e meios de materialização das tradições religiosas.

A religião se faz por sua mediação, sendo concreta por meio de múltiplas formas materiais que coexistem e tensionam umas com as outras em contextos religiosos plurais. A religião, portanto, não se contrapõe à modernidade como pressupunha o paradigma da secularização, que profetizava um “recuo” paulatino da religião no espaço público, mas segue transformando-se, incorporando novas mídias em novas formações estéticas, isto é, novas disposições corporificadas da experiência religiosa.

Tanto as relações face a face como as tecnologias virtuais desencadeiam imaginações que produzem pertencimento, constituindo modalidades da experiência social (e religiosa) que se fazem existir por diferentes mediações. Para Meyer, presencialidade ou distância mediada por tecnologia não é garantia de maior ou menor autenticidade na produção da experiência religiosa. Assim, embora reconhecendo que o conceito de “comunidade imaginada” (Anderson, 2008) apresenta contribuições para o entendimento das comunidades para além das relações face a face, como algo dado e naturalizado, a crítica da autora vem da percepção de “verdade” que deve recobrir as experiências compartilhadas. Ela questiona: “[...] como são revestidos de um sentido de verdade e realidade os idiomas dos quais as comunidades imaginadas dependem? Um foco teórico que permanece limitado à ‘imaginação’ para ser insuficiente [...]”. (Meyer, 2019, p. 49). Para as experiências religiosas serem percebidas como autênticas, reais e tangíveis é preciso mais, é preciso materializar de variadas formas, inclusive com os corpos. As imaginações não estão contidas nas mentes, mas espraiadas pelos corpos e nas sensibilidades. Embora sejam produzidas nas mediações, as experiências não são vistas dessa forma - a

autenticidade das experiências religiosas é sentida na imediaticidade do aqui e agora da existência, conformando afetos e percepções revestidas de verdade.

A ênfase no campo dos materiais - nas formas como mediação - fez emergir questões que estavam secundarizadas nos estudos de religião. Essa formulação também repercute na definição de religião da autora, como “mediador da ausência”, isto é, produzindo condições para acessar o não tangível. Por outro lado, também devemos ter conta que a autenticidade da experiência pode prescindir do reconhecimento da mediação: “[...] a mídia se tornou tão enredada naquilo que contribui para mediar que já não é mais visível enquanto tal, ao menos não para aqueles que estão participando da mediação. [...] a mediação e o imediatismo não pertencem a dois reinos opostos, mas entrelaçados.” (Meyer, 2015, p. 148).

Esse aparente paradoxo pode ser tanto mais produtivo ao considerar o contexto de isolamento social na pandemia e os consequentes desafios metodológicos de se fazer pesquisa na internet, com saídas, contornos e redefinições de objetos (Bolletín, Sanabria e Tavares, 2020). Miller e Slater (2008) problematizam premissas que delimitam a presencialidade das situações face a face e a interação “virtual” para apontar que mais importante do que reificar distinções entre esses dois “mundos”, é situar os contextos dessa relação. A emergência da pandemia, com o cerceamento das relações presenciais, situa, portanto, o contexto “possível” da vivência religiosa por meio das relações online. Seguindo a abordagem de Meyer, sugerimos que as transformações (involuntárias) nas mídias decorrentes da pandemia redefinem as relações online / off-line na direção não de uma “perda” ou afastamento”, mas de novas formas de experiência da autenticidade religiosa. Vamos apresentar a seguir algumas situações desse processo para o contexto de Salvador e da Bahia.

## Experiências religiosas online e off-line

No dia 5 de junho de 2020, em plena pandemia, o cardeal Sérgio da Rocha tomou posse como arcebispo de Salvador substituindo dom Murilo Krieger, que se aposentou<sup>3</sup>. A posse ocorreu na Catedral Basílica, mas sem público, e foi transmitida pelos canais da arquidiocese no Youtube, Instagram e Facebook. Durante a transmissão de quase duas horas de celebração, as visualizações no YouTube oscilaram de 500 a 400, número que pode parecer pequeno para os padrões da plataforma<sup>4</sup>, mas que deve se contextualizado se pensarmos na cerimônia e no público que até três meses antes estava habituado à presença física nas missas<sup>5</sup>.

A transmissão da posse já estava bem adaptada às novas plataformas, aproveitando algumas facilidades como a exibição dos textos bíblicos, que eram lidos durante a liturgia da palavra (parte da missa em que são apresentados trechos do antigo testamento, salmos e evangelhos), evidenciando uma performance bem diferente da transmissão da missa dos “Santos Óleos”, ocorrida na Semana Santa, em abril, pelo mesmo canal. A participação nessa celebração anterior foi bem menor e não ocorreram recursos estéticos mais elaborados para a transmissão<sup>6</sup>. Aos poucos, aparentemente, a audiência

---

<sup>3</sup> A diocese de Salvador foi criada em 25 de fevereiro de 1551. Em 1676 tornou-se arquidiocese, um status para dioceses que tem um vasto território. Atualmente é formada, além da capital, pelos municípios de Itaparica, Lauro de Freitas, Salinas da Margarida, Salvador e Vera Cruz. Por essa condição de primeira diocese, o titular usa o título de “primaz do Brasil”, mas não há nenhum tipo de proeminência hierárquica sobre outros bispos, sendo apenas um título honorífico.

<sup>4</sup> Paróquia Santa Cruz, localizada no Engenho Velho da Federação, que tem como pároco o padre Lázaro Muniz realizou campanha para chegar ao mínimo de mil inscritos e assim transmitir as missas pelo seu canal no Youtube.

<sup>5</sup> Cf. algumas imagens da posse do cardeal dom Sérgio da Rocha, novo arcebispo de Salvador. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aej5HPG3FDg>. Acesso em: 26/6/2020.

<sup>6</sup> No Facebook a visualização da missa contabilizou de 117 a 178, nos momentos de maior Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

parecia estar se habituando à mediação digital que trazia novas possibilidades, como escrever nos comentários e manifestar sentimentos por meio dos *emoticons*, em uma ação interativa.

Os dados abaixo mostram os acessos ao canal oficial da Arquidiocese de Salvador durante a Semana Santa de 2020. O número de usuários que “curtiram” a página aumentou de forma contínua durante os dias seguintes. Os resultados são orgânicos, ou seja, espontâneos, pois não há a prática de pagamento para “impulsionamento” do conteúdo, que é uma estratégia de divulgação usada por algumas instituições e que está prevista na política do Facebook<sup>7</sup>.

Quadro 1. Acessos durante a Semana Santa de 2020

Dia 5/4	Dia 7/4	Dia 8/4	Dia 10/4	Dia 11/4	Dia 12/4
26.334 seguidores	26.352 seguidores	26.357 seguidores	26.407 seguidores	26.427 seguidores	26.435 seguidores

Fonte: Elaboração Própria.

Quadro 2. Dados de interação dos usuários: “curtidas” por dia  
- Abril de 2020

Abertura da semana: 5/4	Sexta da Paixão: 10/4	Páscoa: 12/4
2.398	1.134	861

Fonte: Elaboração Própria.

Durante a pandemia, as experiências religiosas mediadas pelas mídias digitais expandiram a percepção da autenticidade: a impossibilidade da presença física desencadeou movimentos de legitimação das relações on line por parte da Igreja Católica.

pico, e média de 160 no Instagram.

<sup>7</sup> Os dados são da Pastoral da Comunicação (Pascom), departamento responsável pela produção de conteúdo e outras estratégias de ações comunicacionais da Arquidiocese de Salvador.



Assim, mesmo aqueles que nunca haviam participado virtualmente de uma celebração, por estranhamento ou desconfiança em relação a autenticidade dessa mediação, tiveram que lidar com as novas experiências religiosas. Esse foi o caso da participação da segunda autora na missa de sétimo dia de seu irmão, falecido em abril de 2020, em decorrência da covid: acompanhar a celebração com familiares e amigos, intervindo com comentários e mensagens de apoio mobilizou fortes sentimentos e novas percepções de “proximidade”.

Contudo esse movimento de legitimação da mediação pelas mídias digitais não se inicia na pandemia: a Paróquia de Conceição do Coité, município localizado a 217 quilômetros de Salvador, na chamada região sisaleira, por exemplo, já realizava transmissão das suas missas via Facebook e Instagram antes da pandemia. Em trabalho de campo da primeira autora, identificamos essa forma de comunicação na festa da padroeira, Nossa Senhora da Conceição, em dezembro de 2019<sup>8</sup>. Desde então, a paróquia vem realizando as transmissões das missas e outras atividades litúrgicas, como oração do terço durante o mês de maio, período de homenagens mais intensas a Nossa Senhora.

No início da pandemia, nas primeiras ações para restrição da circulação em Salvador, práticas católicas ainda estavam em processo de “adaptação” para aquela situação excepcional, com registros feitos pelas plataformas tradicionais de jornalismo - TV e os sites - se comparadas às redes sociais. Assim, em 3 de abril de 2020, a imagem de Nosso Senhor do Bonfim, a quem se dirige a devoção com maior visibilidade na capital baiana<sup>9</sup>, saiu pela quarta vez da Basílica onde está

---

<sup>8</sup> O registro da festa foi realizado no âmbito da pesquisa do FEMTEC- Grupo de Pesquisa em Festa, Memória e Tecnologia em Comunicação, do Departamento de Educação-Campus-XIV da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), localizado na cidade.

<sup>9</sup> A Lavagem do Bonfim, que integra a homenagem a uma das invocações a Jesus Crucificado, é a festa do verão baiano com maior visibilidade. Há, inclusive, quem Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

entronizada desde a sedimentação do culto, em meados do século XVIII. A imagem havia sido levada em desfile público pela última vez em 1942, como um pedido dos devotos de Salvador pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Anteriormente, em 1885, a procissão com a imagem havia ocorrido no contexto de temor devido a uma epidemia de cólera.

Só acompanhou essa cena quem estava sintonizado nos telejornais locais, com os cortes necessários em uma cobertura de TV atípica, pois as empresas de jornalismo também precisavam “dar exemplo” sobre segurança, mantendo o isolamento de seus profissionais. Mas como há o uso da potencialidade da memória a partir das novas tecnologias, quem não viu o telejornal pôde acessar os vídeos disponibilizados nos sites de notícias<sup>10</sup>. A cena, emocionante, possivelmente, para os devotos, pode, mais de um mês depois, ser compartilhada e despertar comoção a partir da transmissão do link do site via Whatsapp, por exemplo, potencializando a convergência entre as tecnologias e as experiências religiosas.

Talvez a rápida adaptação dos rituais católicos mediados por tecnologia digital tenha ocorrido, durante a pandemia, em razão da centralidade da celebração da paixão, morte e ressurreição de Jesus<sup>11</sup>. Em 2020, a Conferência Nacional dos

---

confunda esse rito como se fosse a comemoração central, quando o dia solene é o domingo posterior ao cortejo que vai da igreja da Conceição da Praia ao santuário dedicado ao Senhor do Bonfim, na área conhecida como Cidade Baixa. A devoção surgiu por conta do pagamento de uma promessa feita pelo capitão Teodósio Rodrigues de Faria que construiu a igreja em agradecimento por ter sobrevivido a uma tempestade enquanto navegava. O templo ficou pronto em 1745 e a imagem veio de Sétubal, Portugal.

<sup>10</sup> O G1 Bahia foi um dos sites a disponibilizar conteúdo sobre o evento: <https://g1.globo.com/ba/bahia/ao-vivo/cortejo-sem-fieis-leva-imagem-do-senhor-do-bonfim-pelas-ruas-de-salvador.ghtml>. Acesso em 30/4/2020.

<sup>11</sup> A celebração da Páscoa é a data mais importante para os católicos porque marca a ressurreição de Jesus, centro da teologia cristã. A missa de Páscoa é a mais longa da liturgia católica e envolve ritos exclusivos, como benção do fogo e da água e batizados, especialmente de adultos. Na fogueira utilizada para a benção do fogo é aceso o círio pascal, uma vela de cerca de 60 centímetros onde são colocadas formas que lembram os ferimentos que causaram chagas em Jesus durante a tortura. O padre entra com o círio na igreja ainda com as luzes apagadas para simbolizar que Jesus está rompendo a Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

Bispos do Brasil (CNBB) orientou que as celebrações fossem todas realizadas sem público. Além do uso já habitual de rádio e TV, houve maior adesão às plataformas das redes sociais<sup>12</sup>. Por meio delas, os padres celebraram as missas mais importantes, como a da Páscoa. O Domingo de Ramos ocorreu sem a procissão em que os devotos levam os ramos de plantas que serão aproveitados para produzir as cinzas que marcam a celebração do início da quaresma no ano seguinte<sup>13</sup>.

Candomblecistas também aderiram ao movimento das *lives*<sup>14</sup>, termo que, no início da pandemia caracterizava os shows de artistas pelas redes sociais<sup>15</sup>, mas que passou a denominar qualquer evento ao vivo, mesmo os mediados por plataformas de videoconferência nos sistemas fechados (quando há controle da entrada) como o *Meet*, *Zoom* e *Team*. Os sacerdotes músicos Junior Pakapym e Ton Sele, criadores do grupo “Irmãos no Couro”, que reúne sacerdotes músicos de vários terreiros, por exemplo, fizeram *lives* durante a pandemia

---

escuridão da sepultura. Em seguida os sinos tocam anunciando a ressurreição e a missa prossegue.

<sup>12</sup> Essa denominação se refere, geralmente, a plataformas como Facebook, Youtube, X (antigo Twitter) e Instagram.

<sup>13</sup> Nesse processo de mediação digital houve também o registro de gafes. O padre Luís César de Moraes, de Itajubá, em Minas Gerais, não percebeu, enquanto oficiava uma celebração via Instagram, que o filtro de efeitos para tornar as mensagens mais divertidas estava ativado. Assim, sua imagem apareceu adornada por desenhos, em mais uma demonstração do hipertexto onipresente nestas plataformas. Ao saber que a história tinha “viralizado”, o padre deu entrevistas para sites de notícias dizendo que alegria também faz parte da celebração do sagrado. No entanto, a despeito desses percalços, a utilização das redes sociais já vinha num processo de crescimento no catolicismo e em denominações evangélicas, com as últimas sempre um passo à frente às primeiras. Detalhes da história podem ser conferidas em reportagem do Correio Braziliense. Disponível em:

<https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/03/31/interna-brasil,841566/sem-querer-padre-usa-filtro-do-instagram-em-celebracao-e-divertefiei.shtml>. Acesso em: 30/4/2020.

<sup>14</sup> Antes da pandemia, as *lives* eram pouco utilizadas para além do trabalho dos *digital influencers* ou influenciadores digitais mostrarem suas rotinas aos seguidores, especialmente no Instagram.

<sup>15</sup> O “X”, antigo Twitter, sempre teve um acesso mais restrito no Brasil quando comparado a outras redes.

com enfoque nas cantigas sagradas, tanto no Instagram como no Facebook. As transmissões consistiam na apresentação das cantigas relacionadas a determinadas divindades. O terreiro Tumbanssé, de tradição Angola, localizado no bairro Pero Vaz, em Salvador, realizou uma *live* no dia 27 de maio de 2020 voltada para as cantigas religiosas. O perfil do terreiro no Instagram tinha 15 publicações, 1.333 seguidores e seguia 224 pessoas em 2020. O convite para a *live* teve ampla divulgação por meio de perfis variados também no Facebook.

Os candomblecistas baianos também foram chamados, via redes, com vídeos e cards que circulavam mais pelo Whatsapp, para o compromisso das segundas-feiras: rezar para divindades como o orixá Omolu, da tradição ketu e de divindades correlatas em outras nações de candomblé como Kavungo, da angola, e Sakpata e Azoany, da jêje<sup>16</sup>. Além dessa atividade, foram compartilhados cânticos e mensagens de lideranças religiosas sobre reflexões relacionadas ao ineditismo e sofrimento, sobretudo emocional, devido ao isolamento, provocados pela pandemia. Houve relatos, embora em menor grau, de encontros por meio de plataformas como *Meet*, e outras semelhantes, para a confraternização à distância dos membros das comunidades religiosas como forma de manter a

---

<sup>16</sup> Segundo a tradição dos povos iorubá, Omolu, ainda criança, conseguiu acorrentar Iku, a morte. Por isso ganhou poderes sobre os mistérios entre vida e morte, saúde e doença. Outro mito aponta que ele nasceu com o corpo coberto de chagas, mas ao mesmo tempo tem poderes para curá-las e é especialista em afastar doenças infecciosas. Na tradição originada dos povos angola e congo no Brasil, o mesmo se diz de Kavungo. Já o candomblé jeje tem uma relação ainda mais direta com os chamados voduns da terra, como Azoany e Sakpata. Esses deuses estão profundamente relacionados aos ritos para afastar e curar a varíola (Parés, 2006). Em Salvador é muito forte o culto aos santos católicos Lázaro e Roque, também considerados protetores contra as doenças de pele, infecciosas e de males ligados ao envelhecimento, como artrite e reumatismo. O santuário consagrado aos dois, no bairro da Federação, recebe duas grandes festas: em janeiro ocorre a homenagem a São Lázaro, que integra o calendário dos eventos do verão ao lado de mais 11 comemorações; e agosto, quando São Roque é celebrado. A devoção a estes santos tem vinculação com a busca de proteção contra surtos ou epidemias de doenças como varíola na capital baiana (Ramos, 2017).

proximidade.

Mesmo no candomblé, que tem um histórico de desconfiança e conflitos com plataformas de imprensa e outros meios eletrônicos (como a TV), as casas consideradas tradicionais<sup>17</sup> vem fazendo concessões a essas novas plataformas. O Terreiro Oxumarê, que integra o restrito grupo de templos com matrizes afro-brasileiras oficializados como patrimônio pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)<sup>18</sup> tem *fanpage* no Facebook. A página foi criada em 2011 e tem “engajamento”, ou seja, “curtidas”, comentários e compartilhamento sempre ultrapassando a casa dos milhares. Os conteúdos da página trazem informações sobre a filosofia do candomblé (*itans*), rituais e, em alguns casos, vídeos ao vivo de comemorações no terreiro (embora com restrição a alguns aspectos). Em um *post* que acompanhamos foi mostrada a parte inicial do xirê - como são chamadas as festas públicas em homenagem aos orixás -, mas a transmissão foi interrompida antes mesmo de cantar para todas as divindades, interrupção compreensível, pois o momento do transe configura um tabu para o registro imagético em muitas dessas comunidades<sup>19</sup>.

## Mídia e transformação da experiência religiosa

Parece-nos, portanto, que o evento da pandemia, intensificando a mediação digital, estendeu as experiências

---

<sup>17</sup> Termo utilizado aqui como referência para as que são de reconhecida visibilidade pela antiguidade ou protagonismo em estudos etnográficos clássicos, como a Casa Branca, o Opô Afonjá e o Gantois.

<sup>18</sup> Os outros terreiros que integram esse grupo são: Ilê Axé Iyá Nassô Oká (Casa Branca do Engenho Velho da Federação); Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massê (Terreiro do Gantois); Ilê Axé Opô Afonjá; Terreiro Bate Folha; Terreiro Alaketu e Tumba Junsara, localizados em Salvador; Seja Hundé, situado em Cachoeira e Agboula, sediado na Ilha de Itaparica. A Casa das Minas, no Maranhão, é o único fora da Bahia.

<sup>19</sup> Os casos do registro de iniciação de iaôs publicados nas revistas “Paris Match” e “O Cruzeiro”, na década de 1950 são clássicos dessa relação midiática conflituosa. Sobre esse caso, outros correlatos e a continuidade desse debate cf. Castillo (2008) e Ramos (2009).

religiosas para novas formatos, transformando-as. Formas e conteúdos implicam-se uns nos outros, como destaca Aguiar (2019),

Há entre o homem e o sagrado uma relação comunicativa, na qual as tecnologias não são meros intermediários ou instrumentos. Assim, ao mudar o suporte tecnológico da comunicação para o digital a própria relação comunicativa é transformada, contribuindo para mudanças importantes no significado atribuído ao sagrado e, conseqüentemente, em suas representações. As religiões relacionam-se simbioticamente com essas novas tecnologias, e essa é uma tendência que só tende a se intensificar, provocando um tipo de experiência que vai muito além da simples disponibilização de conteúdo por novos instrumentos. (Aguiar, 2019, p. 11-12).

A partir da revolução digital e da chegada da Internet, os meios de comunicação de massa “tradicionais” necessitaram se reposicionar diante das novas plataformas que modificam a forma como concebemos a produção de conteúdo e o consumo. Foi o que pudemos acompanhar, de forma mais intensa, no processo da pandemia, em que a vida cotidiana foi transformada, com repercussões importantes nas relações entre devoção, experiência religiosa e tecnologia.

Como aponta McLuhan (2012), o rádio, a TV, o cinema e outras plataformas da chamada indústria cultural propiciam extensões dos nossos sentidos como visão e audição, criando as categorias de “quentes” e “frios” à medida que eles exigem menos ou mais esforço para transmitir sua mensagem. Assim, uma fotografia é mais fria do que a TV, por exemplo, pois requer um poder de concentração maior de quem a observa para apreender a mensagem nela contida, e que, nem por isso, deixa de ser polissêmica. Um smartphone é mais quente que o seu similar mais antigo, o celular. Ao usar o Whatsapp, por exemplo, no lugar de digitar a mensagem podemos gravá-la como áudio ou fazer uma chamada de vídeo sem a necessidade

de muitos comandos. Este é um recurso poderoso que une potencialidades da revolução digital em uma mesma plataforma: a hipertextualidade, ou seja, uma combinação de linguagens na produção de mesmo texto, além das possibilidades de interatividade. Quem recebe a mensagem pode usar desde um símbolo de positivo (*emoticon*), até o *stick* que, normalmente, indica um acento de humor e usa o repertório de produtos da indústria cultural como uma novela<sup>20</sup>.

Nas mediações religiosas, o Whatsapp configura o nicho mais eficiente para as correntes religiosas clássicas - conteúdos feitos na forma de “promessa” para se alcançar uma dádiva mediante o cumprimento de determinadas tarefas, como o envio de mensagem para muitas pessoas. Por essa funcionalidade de enviar as mensagens mais rapidamente, com recursos como o “em lista”, que oferece a possibilidade de endereçar a todos os números da agenda ou o encaminhamento de um conteúdo para várias pessoas por vez, o Whatsapp é mais prático para essa demanda<sup>21</sup>. Sua disseminação supera um conteúdo de outras redes sociais, como Facebook e, mais recentemente, o Instagram, que requer outras variáveis, como produzir o *post* e esperar a interação com a rede de amigos ou de seguidores para veicular a mensagem.

A ubiquidade se concretiza não apenas na potencialidade de quem está produzindo o conteúdo, mas na forma de disseminação da informação. A Missa dos Santos Óleos celebrada na Catedral Basílica de Salvador, em 9 de abril de

---

<sup>20</sup> Um exemplo que foi amplamente disseminado são os *memes* da imagem de Nazaré Tedesco, vilã que foi vivida pela atriz Renata Sorrah na novela Senhora do Destino, exibida pela TV Globo em 2004.

<sup>21</sup> A restrição para cinco encaminhamentos por vez para cada conteúdo passou a valer no Brasil logo após as eleições de 2018, devido à polêmica sobre a suspeita da interferência de disparos em massa das chamadas *fake news* no resultado das eleições para a presidência do Brasil. Cf. “Os ‘whatsapp’s de uma campanha envenenada” - El País Brasil, 28/10/2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/especiais/2018/eleicoes-brasil/conversacoes-whatsapp/>. Acesso em: 15/11/2022.

2020, aconteceu, “simultaneamente” no espaço físico, no Instagram e no Facebook. Essa diversidade de materialização em locais diferentes, de forma simultânea, possível a partir dessas conexões, modifica as relações espaço-temporais e de recepção, que se apresenta como um mosaico com vetores embaralhados. Isso porque a missa que tem lugar na igreja (com público reduzido aos oficiantes e pessoal de apoio) tem seu tempo, que é mais ou menos o mesmo, mas, dependendo da conexão, pode ficar segundos atrás na geração do evento pelo Instagram, que necessita terminar em uma hora ou é interrompida bruscamente, pois esse é o tempo limite para transmissões na plataforma, embora essa condição tenha sido revista recentemente. Já no Facebook, a transmissão de dados costuma ser mais lenta e o áudio ou imagem chega até quase um minuto depois da geração no Instagram.

Em relação ao formato, as missas não são diferentes do formato presencial, mas desde a pandemia há uma possibilidade de interação que a transmissão eletrônica - rádio e TV - não alcançava. Na missa presencial, o público acompanha a celebração e interage, mas de forma coletiva, respondendo aos trechos já marcados na liturgia ou acompanhando as canções. Durante essas transmissões no Facebook, Instagram e Youtube é possível enviar mensagens, tanto de texto como por meio dos *emoticons*, propiciando outras formas de conexão online que atualizam a emotividade e autenticidade da celebração (as “curtidas” e os que representam o “amei”, que são mais frequentes).

A interatividade é, talvez, a maior novidade da fruição desses eventos nas plataformas. Ela não é distanciada pela “tela fria” (adaptando a segmentação de McLuhan, 2012) de uma TV, que bloqueia o tempo e o espaço entre quem oficializa e quem assiste. Na missa transmitida pela televisão o devoto pode interagir repetindo as orações em voz alta, ficando



limitada sua conexão com o celebrante. Nas redes on-line, essa interação pode se tornar mais quente, pois é possível manifestar os sentimentos pelos *emoticons* e fazer comentários que são exibidos ao longo das transmissões.

Na *live* da Missa dos Santo Óleos da Catedral a que nos referimos anteriormente, havia devotos perguntando sobre um determinado padre e outros respondendo a perguntas. Ao longo das transmissões os *emoticons* e as mensagens em texto se alternavam, o que produzia mais sinergia na percepção de pertencimento durante as transmissões<sup>22</sup>.

Intensificadas pela experiência da pandemia, estamos nos familiarizando com as exigências desses novos equipamentos: aprendemos a escrever informalmente em um texto para o Facebook. Exercitamos a síntese no X (antigo Twitter), com 280 caracteres para cada *post*<sup>23</sup>. No Instagram, até pouco tempo, a linguagem padrão eram as fotografias que vinham acompanhadas ou não de legendas curtas. Mas tudo muda muito rápido nesse universo das novas mídias: o Instagram agora permite criar um texto maior, especialmente no espaço das *stories*, ou seja, com duração de 24 horas; as *lives*, inicialmente limitadas a 15 minutos, ampliaram a duração para uma hora e agora seguem sem um controle rígido do tempo como antes; o X (antigo Twitter) oferece a *thread*, ou seja, a possibilidade de publicar uma série de textos em fio para detalhar um tema.

Desde o advento da pandemia, o Youtube também tem se consolidado como o espaço preferencial para as *lives*, ao lado do Instagram. A vantagem é que qualquer pessoa pode participar, mas vale para os canais em que a conta tem mais de

---

<sup>22</sup> No Youtube também é possível mandar os *emoticons*, mas apenas nos comentários em campo próprio. Além disso para poder interagir é necessário inscrever-se no canal.

<sup>23</sup> Com a aquisição da plataforma por Elon Musk o número de caracteres para produzir textos foi ampliado.

mil inscritos. Caso contrário, é necessário fazer campanhas, como a que a Pascom, departamento que cuida da comunicação da Arquidiocese de Salvador, estimulou para que as paróquias adotassem. Mas como todos os desafios nessas plataformas são rapidamente rastreados e resolvidos pelos especialistas em tecnologias da informação, existem as ferramentas que permitem fazer um “ao vivo” no Youtube sem o limite mínimo de inscritos para o canal<sup>24</sup>.

Para a posse do novo arcebispo em 2020, segundo informações da Pascom, a transmissão foi feita a partir do canal, pois o número de inscritos já ultrapassara a marca mínima, dobrando de número desde o início da pandemia. Mas eles usaram o aplicativo “OBS”, semelhante ao *Stream Yard*, mas com o uso especializado, para fazer uma transmissão mais elaborada, com a inclusão dos *cards* que traziam os trechos bíblicos. Também vem da Pascom um exemplo da necessidade de aprendizagem rápida da lógica que sustenta essas plataformas. Com o início da pandemia, esse departamento passou a produzir a série intitulada “Palavra do Pastor”: vídeos curtos, com média de três minutos, em que Dom Murilo Krieger, ainda na condição de administrador apostólico até a chegada do sucessor, enviava mensagens para os assinantes do canal, como estratégia para manter o canal atualizado e o consequente interesse e acesso a ele não apenas para os eventos “ao vivo”, sendo o conteúdo também distribuído via lista de Whatsapp. A Pascom tem ainda realizado oficinas para a produção de vídeos e outras ferramentas de comunicação especializadas nessas redes.

Já com relação às *lives*, durante a pandemia a participação de lideranças evangélicas foi minoritária nas

---

<sup>24</sup> Aplicativos como o *Stream Yard* e outros que estão se popularizando fornecem um link para um estúdio virtual e a transmissão ocorre. Para isso é preciso criar o pedido de transmissão 24 horas antes do evento.

mídias sociais. Pastores, especialmente os neopentecostais que se tornaram celebridades por conta da sua facilidade em utilizar meios como a TV, não transformaram as *lives* em sucesso, como extensões das suas performances nos programas que protagonizam, geralmente com compra de espaço nas emissoras da TV aberta, ou nos templos. Foi constante a posição de alguns destes líderes nas redes sociais pedindo a reabertura das suas igrejas. As *lives* tiveram pouca repercussão midiática durante a pandemia.

Além das transformações sincrônicas possibilitadas pelas novas mídias, uma dimensão que ainda gostaríamos de destacar refere-se à memória enquanto potencialidade das novas mídias, especialmente quando estão em uso no jornalismo, como compiladoras das narrativas que por elas circulam. É possível fazer um levantamento desses eventos, pois assim que terminam ficam disponíveis para serem acessados quando se deseja. Se alguém não pôde acompanhar a transmissão ao vivo da missa, pode depois voltar à página oficial da paróquia ou diocese para assistir o vídeo no canal específico. Como destaca Palácios (2014), a respeito desse “estoque” de conhecimento:

[...] Temos também que aceitar que - a despeito de toda a fluidez - os múltiplos registros destes nossos tempos, até pela simples imensidão de material produzido, não vão simplesmente desaparecer como a água que escorre por um ralo. Inevitavelmente, pelo menos parte dessa enxurrada memorialística sobreviverá como ‘memória congelada’. (Palácios, 2014, p. 104-105).

## Notas finais

As redes sociais estão acessando novos patamares da mimese dos nossos sentidos - não apenas modificam a visão, a audição e o tato, mas também amplificam as possibilidades de acesso às camadas emocionais das experiências religiosas contemporâneas, produzindo novas mediações para as

experimentações de autenticidade. Assim, pode-se manifestar sentimentos de alegria pela proximidade, por conta de um distanciamento forçado a partir da linguagem dos *emoticons* ou dos comentários em tempo real, recebendo-se o conforto do abraço virtual vindo de alguém com quem se partilha a mesma religião, com quem não se pôde interagir por conta da pandemia durante meses. As novas plataformas já transformaram algumas das nossas reações cognitivas para operá-las -acessando as funções do smartphone, usando as digitais ou o movimento de deslizar a mão pela tela.

McLuhan, embora ainda estivesse no âmbito de conhecimento de tecnologias com possibilidades mais restritas do que as atuais, já tinha chamado a atenção para as potencialidades desses recursos.

Ao colocar o nosso corpo físico dentro do sistema nervoso prolongado, mediante os meios elétricos, nós deflagramos uma dinâmica pela qual todas as tecnologias anteriores - meras extensões das mãos, dos pés, dos dentes e dos controles de calor do corpo e incluindo as cidades como extensões do corpo - serão traduzidas em sistemas de informação. A tecnologia eletromagnética exige dos homens um estado de completa calma e repouso meditativos, tal como convém a um organismo que agora usa o cérebro fora do crânio e os nervos fora do seu abrigo. [...] (McLuhan, 2012, p. 77).

As observações acima nos parecem mais atuais do que nunca, intensificadas pelos desafios impostos durante a pandemia com as restrições à circulação, mas que no contexto pós-pandemia vem reposicionando corpos, emoções e experiências de pertencimento religiosas, dentre outras possibilidades.

## Referências

AGUIAR, Carlos Eduardo Souza. *Notas Sobre a Religiosidade Tecnológica*. Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Antropologia Sem Fronteiras, Salvador, v. 1, p. 1-23, e112404, 2024 <https://periodicos.ufba.br/index.php/rasf/index>

Comunicação. Belém-PA, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0756-1.pdf>. Acesso em: 15/11/2022.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, v. 305, 2008.

BOLETTIN, Paride; SANABRIA, Guillermo; TAVARES, Fátima. (Orgs.). *Etnografando na pandemia*. Padova, Itália: Cleup, 2020.

CANAVILHAS, João (org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Livros LabCom, UBL, LabCom: Covilhã, 2014.

CASTILLO, Lisa Earl. *Entre oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia*, EDUFBA: Salvador, 2008.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Editora Cultrix: São Paulo, 2012.

MEYER, Birgit. Mediação e Imediatismo: formas sensoriais, ideologias semióticas e a questão do meio. *Campos - Revista de Antropologia*, v. 16, n. 2, p. 145-164, 2015.

MEYER, Birgit. *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer*. E. Giumbelli; J. Rickli; R. Toniol (orgs.). Porto Alegre: UFRGS, 2019.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. *Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad*. Horizontes antropológicos, v. 10, p. 41-65, 2004.

PALACIOS, Marcus. Memória: Jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (Org.). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã, Portugal, 2014.

PARÉS, Nicolau. *A Formação do Candomblé*. História e ritual da nação jeje na Bahia, Editora Unicamp, Campinas, São Paulo, 2006.

RAMOS, Cleidiana. *Festa de Verão em Salvador: Uma análise antropológica a partir do acervo documental do jornal A Tarde*,

tese defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. (PPGA) sob a orientação da professora Fátima Regina Gomes Tavares, Salvador, 2017.

RAMOS, Cleidiana. *O Discurso da Luz: Imagens das religiões afro-brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde*, dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA (Pós Afro) sob a orientação do professor Claudio Luiz Pereira, Salvador, 2009.

STOLOW, Jeremy. Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. *Religião & Sociedade*, v. 34, p. 146-160, 2014.

## **Pandemic, social networks and religious experience in Bahia**

**Abstract:** This article addresses the increase in the use of communication and information technologies by religious groups during the beginning of the coronavirus pandemic in 2020 in Bahia. The central argument is that religious experiences mediated by digital media expanded the perception of the authenticity of the religious experience that began during the pandemic, with developments beyond it.

**Keywords:** Religion. Pandemic. Information Technologies.

Aceito em: 01/10/2024

Publicado em: 04/10/2024